

**Tradição, diversidade e interculturalidade.
Tradições sertânicas – a metáfora do fuxico**

Miguel Almir Lima de Araújo
Professor da UEFS

*É no encontro com seu passado que um grupo humano
encontra energia para enfrentar seu presente e preparar o futuro.*

Edgar Morin

RESUMO

O texto medita sobre tradição e diversidade cultural, interculturalidade, tradições sertânicas e a metáfora do Fuxico. Compreendo tradição cultural como manancial vivo/redivivo de valores e Sentidos humanos primordiais; diversidade cultural como expressão de pluralidade, de fluxos tensoriais; tradições sertânicas como repertórios culturais vivos e singulares que robustecem os modos de vida dos sertanejos; interculturalidade como possibilidade da trama de relações in-tensivas de interligação entre as culturas; a metáfora do Fuxico como teia entrelaçada e policrômica que traduz as intensidades das tradições culturais sertânicas, da sertania.

Palavras-chave: Tradição cultural – Diversidade – Interculturalidade – Sertão – Fuxico

Tradição e identidade cultural

Com o apogeu do fenômeno da globalização muitos de seus apologistas passaram a afirmar que as tradições culturais, com suas manifestações de natureza étnica, regional e local, implacavelmente iriam sucumbir e desaparecer. Parece que o que existe de mais precioso no existir humano, nas sagas da história humana, é a presença do imponderável, do contraditório, dos fluxos tensoriais, do paradoxo, nas teias oblíquas que perfazem a textura movente das culturas.

Depois de algumas décadas de afirmação ostensiva dos processos de globalização e dos desdobramentos das contradições que dela se derivam, a multiplicidade das expressões das diversas tradições culturais, com seus núcleos étnicos, com seu caráter de regionalidade e de localidade, que foram, em grandes proporções, subestimadas e ameaçadas, estão vivenciando processos expressivos de renascimento e de revigoramento,

*Professor da UEFS. E-mail: malmir2@gmail.com



de modo até surpreendente, em diversos rincões do planeta. Nesse rumo, Hall (2000, p. 77) declara que “Há, juntamente com o impacto do ‘global’, um interesse pelo ‘local’”.

Os processos de globalização, em suas múltiplas feições, tendem a instituir hegemonias homogeneizadoras como modelos que pretendem reduzir as diferenças, a diversidade das culturas aos estatutos de suas fôrmas empadronadas, de suas lógicas uniformizantes. Esses modelos pretendem funcionalizar o controle político, a mercadejação econômica e a domesticação cultural. Os padrões universalizados de consumo estabelecem normas unidimensionalizantes que pretendem garantir a eficácia de seu funcionamento. Esses modelos tencionam reduzir o dinamismo orgânico e estésico das tradições culturais, com a pregnância de sua plasticidade e vitalidade, à ordem mecânica e anestésica de seus aparatos que são veiculados para pasteurizar e homogeneizar.

Diversidade, diferença, pluralidade, heterogeneidade, são expressões que supõem a presença do conflito, da contradição, do risco, do desafio; implicam em abertura para o diálogo, para as relações dialógicas. Assim, são expressões que causam ojeriza e arrepio aos protagonistas dos sistemas de poderes que forjam uma globalização monológica. Sistemas de poderes que pretendem converter as expressões da diversidade das tradições culturais em meros recursos domesticados pela lógica do controle e do consumo para que sejam empadronados e diluídos em produtos mercadológicos. Essas lógicas privilegiam a dominância do quantitativo, do ter, do que se reduz a coisa utilitária, consumível, em detrimento do qualitativo, dos repertórios dos Sentidos humanos que robustecem o ser. Sentidos que se revelam, sobretudo, através das expressões da singularidade e da pluralidade das diversas tradições étnico-culturais que configuram as culturas humanas, os tesouros de sabedorias que dão robustez e cromaticidade à humanidade.

Compreendo tradição cultural como expressão polifônica do *ethos* que configura os repertórios simbólicos constitutivos dos grupos, comunidades e povos, nos contextos de sua vida vivente; como núcleos anímicos que traduzem valores, crenças e cosmovisões impregnadas nas instâncias incontornáveis do corpo e da alma, dos imaginários humanos; como expressão viva e rediviva dos pensares e sentires humanos, marcada pelo ritmo de seu dinamismo e de sua plasticidade, e que, desse modo, permanece e se renova contínua e descontinuamente. Assim, a tradição não está estacionada nem se projeta de modo estático, mas se encontra em trânsito, nos compassos curvos e rítmicos do suceder das culturas.

Os repertórios do *ethos* de cada tradição cultural são constituídos de conteúdos éticos e estéticos que traduzem os valores primordiais do bem e do belo, na singularidade

da cultura de cada povo. Projetam os Sentidos da dignidade e da boniteza que inspiram dinamicamente cada tradição. O elã vital de cada tradição a torna volvente, en-volvente. En-volve seus protagonistas no compartilhamento das sagas cotidianas, na celebração das labutas, das proezas do viver.

Cada tradição, na esfera das culturas humanas, com a seiva de seu vigor seminal, se renova constantemente através dos fluxos dinâmicos de significados e Sentidos que constituem o existir e o co-existir humanos de cada povo. Essa renovação se processa inspirada nas fontes nucleares dos repertórios ancestrais com suas potencialidades imanentes e transcendentais de revigoração e de recriação. Assim, toda tradição se renova para que continue existindo, para que permaneça viva, rediviva. No âmbito das culturas, o que não se renova tende a fenecer e a desaparecer diante do ritmo incessante das mutações que compõem os ciclos da vida, da história. Portanto, tradição pode se traduzir na metáfora de um rio que permanece o mesmo, mas que se renova permanentemente com o ritmo dos fluxos ondeantes de suas águas e que, também, alarga constantemente suas margens no descortinar da temporalidade de seus movimentos cíclicos.

Nessa perspectiva, identidade cultural conota a composição de um rosto singular, porém, constituído de uma configuração mestiça, plural. Ou seja, a identidade cultural traduz a coexistência entre unidade e diversidade, o igual e o diferente. Revela uma composição móvel que se altera continuamente mediante os fluxos tensoriais dos fenômenos das culturas. Canevacci (1996, p. 44) assevera que “A identidade é móvel, inventiva, fruto de uma ininterrupta contratação entre as absolutas diversidades com as quais tomamos contato”. Assim, a identidade é constituída de singularidade e de pluralidade, do uno (um) e do múltiplo (outro/s); se renova permanentemente na cadência rítmica e in-tensiva dos fenômenos do existir, do co-existir.

Permanecemos os mesmos seres singulares. Porém, no dinamismo dos influxos da vida, das contingências do existir cotidiano, nos atualizamos, nos renovamos e nos reinventamos constantemente para que nossa existência se projete com vivacidade e Sentido. Portanto, identidade cultural pode ser concebida como um amálgama de heterogeneidades; como expressão viva do dinamismo, da plasticidade e da policromia do existir humano que configura cada singularidade.

O renascimento das tradições culturais

As expressões das diversas tradições culturais, em seus múltiplos contextos geoculturais, foram e ainda são comprimidas e denegadas através dos processos de

massificação das lógicas da homogeneização e do consumo. Porém, do dinamismo dos recônditos dos inconscientes coletivos, da memória coletiva de inúmeras comunidades e grupos, o eco ressonante do espírito de resistência e de combate fomenta o renascimento das expressões que configuram suas tradições culturais. Assim, em sua cadência peculiar, essas tradições estão re-emergindo em processos expressivos de renascimento.

Morin (2000, p. 69) afirma que tem emergido um “movimento de ressurgência da identidade ancestral que ocorre em reação à corrente planetária de homogeneização civilizacional”. Diante dessa tentativa de homogeneização cultural, de redução das tradições culturais a meros artefatos de consumo, e, mediante as contradições que esses processos provocam com a exclusão da maioria da população a condições dignas de qualidade de vida; com os abusos aos direitos humanos e o esgarçamento das identidades culturais, tem emergido, nas últimas décadas, processos de resistência e de desafios que estão conduzindo ao renascimento e à revitalização das tradições culturais.

Pelo que tenho experimentado e observado em viagens, leituras, trocas de experiências, participação em eventos, dialogações múltiplas, nos mais diversos recantos do mundo, pequenos grupos e comunidades, ONGs, Movimentos de Arte, Cultura e Educação etc. estão investindo de modo significativo em experiências que implicam no revigoramento e no fortalecimento das tradições culturais, nos processos de afirmação e de promoção de suas identidades culturais, dos valores primordiais que constituem o existir e o co-existir humanos. São micro-projetos que realçam a feição da diferença, que trazem o tom esverdecente da esperança, a centelha da energia que anima a saga de indivíduos e grupos na afirmação dos símbolos mitopoéticos que vicejam o humano, que compõem as poéticas do cotidiano vivido/vivente.

Como sabemos, nenhum poder instituído que se impõe na história humana é absoluto. Por mais empoderado que esteja um regime nas instâncias do político, do econômico, do religioso, do social etc., com seus mecanismos e estratégias de opressão e de controle, no transcurso da história e nos limiões de seus limites e brechas, tende a se manifestar, em seu bojo, o germe das contradições e dos fluxos tensoriais. Germe que potencializa a insurgência de outras e novas possibilidades e formas diferenciadas de expressão de valores, idéias e sentires. Ou seja, os processos de globalização, por mais que se imponham com suas pretensões totalitárias, no suceder do tempo, não conseguem dar conta de seu suposto totalitarismo. Nos rasgos de suas contradições rebentam formas alternativas/alternativas das vozes dissonantes que afirmam as feições da heterogeneidade.

Grandes eventos como o Fórum Social Mundial, Fórum Cultural Mundial e Fórum Mundial de Educação etc.; grandes manifestações pelos direitos humanos e pela Paz, em que dezenas de milhares de pessoas que representam outras centenas de milhares se encontram co-movidas pelo afã e pela esperança de que “um outro mundo é possível”, pelo compartilhar de suas utopias, valores e crenças, são regados com a presença de manifestações tradicionais nas mais variadas paragens do mundo. Essas experiências anunciam alguns dos fenômenos em que as tradições culturais têm estado cada vez mais presentes como símbolos mitopoéticos das identidades e diversidades culturais desses povos. Semanas de Cultura, Festivais de Arte e Cultura, Encontros de celebração da vida, Celebração das Folias de Reisado, de São João, de Samba de roda, de Bumba-boi, de rodas de Capoeira, das múltiplas formas de danças e cantigas tradicionais, nos diversos rincões, têm estado cada vez um pouco mais presentes na afirmação dos repertórios das diversas tradições étnico-culturais. Eventos realizados em Escolas, Universidades, Associações, entre outras instituições, também estão sendo, com certa frequência, cada vez um pouco mais nutridos com o vigor dos símbolos dessas manifestações culturais.

Parece ser ilustrativo acentuar outro dado desses fluxos de revitalização das tradições que é o retorno processual das manifestações tradicionais do Carnaval pelos quadrantes do Brasil, a despeito da predominância de sua espetacularização consumista. A gravação de CDs, a produção de filmes inspirados nos mananciais das tradições culturais também se expande significativamente.

Obviamente que em alguns eventos realizados, sobretudo nas instâncias em que o Turismo está sendo incrementado em sua dimensão estritamente mercadológica, a presença de algumas dessas manifestações, muitas vezes, é articulada como mero espetáculo folclórico, revestido por recursos de estilização extravagante e anestésica. Postura que pode incidir na desfiguração e na desqualificação do caráter orgânico e vigoroso dessas expressões. Os protagonistas dos sistemas de poderes político e econômicos instituídos, com sua voracidade opressiva, são bastante astutos em absorver formas e conteúdos culturais na perspectiva de fomentar seus lucros, procurando, assim, reduzir as manifestações da tradição a objetos empacotados e adocicados para o consumo.

Como aventei, os fenômenos das culturas humanas, do existir humano, são constituídos de complexidade e de contradições, de ambigüidades e de paradoxos, de curvaturas e de indeterminação. Portanto, estes fenômenos tendem a ser irredutíveis a modelos que propagam a uniformização e a homogeneização de forma determinista.

Nesse horizonte, a complexidade das tradições culturais, com o vigor dos núcleos de seus enraizamentos dinâmicos, se traduz como fontes primordiais, como matrizes que nutrem (nutrizes) e fomentam os processos de afirmação, de nascimento e de renascimento dos símbolos reveladores dos valores e dos Sentidos humanos que constituem cada povo. O potencial anímico dessas matrizes inspira a imaginação criante, o inconsciente coletivo, a sensibilidade e as capacidades inventivas dos indivíduos para os desafios de afirmação, de criação e de recriação da vida, das sagas cotidianas. Co-move e con-voca seus protagonistas, nos influxos de seu viver cotidiano, para as ações que implicam em afirmação, renovação e invenção, em celebração e encantamento.

Diversidade cultural e interculturalidade

A abertura e a expansão da consciência e da sensibilidade humana para a compreensão e a vivência do fenômeno da diversidade cultural e da interculturalidade no mundo, em suas proporções singulares, parece estar sendo uma das perspectivas mais relevantes de contribuição nos desafios dos processos de uma suposta regeneração e re-humanização do planeta terra. Na proporção em que nos dispomos a compreender os valores e Sentidos próprios de cada tradição cultural, podemos compreender melhor a singularidade de nossa própria tradição, a nós mesmos. Podemos compreender, sobretudo, como podemos nos enriquecer mutuamente na medida em que tecemos relações dialógicas de acolhimento e de entrecruzamento com as expressões da alteridade de diferentes tradições culturais, mediante os desafios do ser-sendo-com.

Diversidade vem de *diversus* e conota desafio entre diversos, fluxo tensorial entre diferentes, divergência entre múltiplos. Traduz um “movimento que advém da luta” (BERNARD, 2005, p. 75). Supõe, intrinsecamente, encontros tensivos entre pessoas e grupos diferenciados; “fricção interétnica” como condição e estado que potencializa relações de inclusão e de interligação entre estes diversos mediante a difícil postura de abertura e de despojamento que implica na possibilidade das trocas dialógicas, no acolhimento da alteridade. Esse acolhimento pode incidir em crescimentos e compartilhamentos mútuos, se os desafios inerentes aos contatos com as diferenças forem canalizados de forma simpática e altruísta. Porém, se essas fricções e tensões entre os diversos não forem conduzidas com desprendimento e disposição dialógica os influxos das relações interpessoais e intergrupais podem levar a posturas excludentes que implicam em isolamento, intolerância e segregação.

Diversidade cultural revela, portanto, a expressão da in-tensidade, do dinamismo e da polifonia dos fenômenos culturais, em sua complexidade e em seus tons mais diferenciados, mediante os fluxos tensoriais que os impulsionam; traduz as contradições, as tensões, dobras e torções que dão plasticidade a esse dinamismo e que podem fomentar os encontros e dialogias entre os diversos. Utilizo as expressões in-tensidade e in-tensivo marcadas com o hífen com o propósito de realçar a presença constante de uma tensão interna inerente aos fazeres humanos e que nos move e impulsiona aos desafios.

O reconhecimento da diferença, afirma, tanto a legitimidade da diferença dos outros, como da nossa própria diferença. Esse reconhecimento dis-põe o espírito de abertura para o surgimento de laços de interligação com os outros. Laços que incidem nos riscos dos compartilhamentos in-tensivos de saberes e de sentires, em processos que podem compelir à fraternização através da interpenetração e dos cruzamentos que nos engrandecem como seres humanos na celebração dos valores primordiais da paz, da solidariedade, da amorosidade, do bem e do belo. Só podemos com-partilhar, nos solidarizar, nos expandir e nos humanizar mediante os fluxos de relações entre os diversos, o dinamismo da diversidade cultural como fenômeno constitutivo das culturas.

Enquanto estivermos guetificados em nossos nichos culturais considerando que somos o umbigo do mundo, imbuídos do sentimento de exclusividade e de insegurança para com as searas dos desafios que as relações com as alteridades nos interpõem; enquanto estivermos com os braços ensimesmados e atados em nós mesmos, não poderemos nos abrir para abraçar os outros, para compartilhar as angústias e inquietudes, as dores e os prazeres que, nos seus modos mais diversificados, constituem nossos existires como humanos, como diferentes e semelhantes, protagonistas da raça humana. Enquanto estivermos aprisionados em nossas ideologias fundamentalistas e imediatistas que nos isolam e amesquinham, não conseguiremos projetar valores e utopias mais largos que incluem as diferenças, as alteridades, na sedimentação de ações altruístas, solidárias e fraternas - considerando as diferenças inerentes às nossas próprias idiossincrasias na complexidade do ser uno e múltiplo de cada um de nós.

Parece que cada vez se torna um pouco mais compreensível e ingente a relevância do cuidado com a diversidade cultural, com a interculturalidade. A nossa própria condição biológica já traduz a presença da diversidade desde os nutrientes que carecemos para nos mantermos sadios, da existência dos órgãos diferenciados e complementares que formam o corpo etc. Somos seres bioculturalmente imbuídos de diversidade e de unidade – a *unitas multiplex*. É mediante o dinamismo do movimento, dos deslocamentos, que se insurgem os

interfluxos entre a unidade e a multiplicidade que nos constituem; que a vida se processa, se projeta e se afirma; que ex-istimos e in-sistimos.

Somos diversos, diferentes, mas somos também semelhantes na condição de sermos e de co-pertencermos à mesma raça humana. Creio que é, sobretudo, essa condição ontológica de semelhança e de diferença que nos impulsiona, que nos dis-põe intensivamente para as possibilidades de encontros e de compartilhamentos com os outros, para os processos de co-aprendência e de coexistência. Nos manifestamos através das mais diversificadas e ricas formas de expressão cultural, mas, em todas elas traduzimos nossas pequenezas e grandezas, nossas fragilidades e forças, nossos desejos mais fundos de seres humanos através de nossas potencialidades sensíveis e inteligíveis, da expressão das intensidades do corpo e do espírito, da razão e da emoção. Dessa forma, podemos vislumbrar, em nossa condição estruturante, em nossas dimensões imponderáveis, o cuidado com os valores que nos dignificam e nos tornam mais humanos, que embonitam nossa existência e nossa coexistência.

De modo geral, considerando os fluxos do dinamismo que compelem as diversas tradições culturais, nas teias de relações mais visíveis e invisíveis que atravessam as redes das culturas, as expressões culturais mais específicas, em maiores ou menores proporções, são tingidas pela presença da interculturalidade. Podemos constatar isso, sobretudo, nas últimas décadas com surgimento dos fenômenos da globalização através da sofisticação dos recursos e processos comunicacionais planetários, com as redes virtuais e sociais etc. Salvo as situações extremas, se é que elas existem, os diversos grupamentos humanos nestes tempos globalizados, estão implicados através dos vários modos de intercâmbios, com maior ou menor proximidade, pelas diferentes formas de relações interculturais. Os lugares em que habitamos se configuram como entre-lugares (BHABHA, 2003) em que, consciente ou inconscientemente, nos entrecruzamos com os mais diversos modos de ser e de estar sendo-no-mundo, com os tons e entretons que compõem a policromia das redes simbólicas que plasmam a plasticidade das diversas tradições e contextos culturais.

Dessa forma, nos constituímos como seres das encruzilhadas. Assim, nesses cruzamentos, podemos compartilhar com os outros os repertórios de valores, idéias e crenças que nos estruturam humanamente. O dinamismo da interculturalidade revela nossa condição de seres híbridos, matizados pela polifonia da diversidade de valores e de Sentidos que perfazem nosso existir e co-existir. Porém, na constituição dessa teia, co-participamos como indivíduos e grupos com o contorno e a fisionomia de nossa singularidade, de nossos modos próprios de fruir e de tecer a vida, de trilhar nossas sagas.

Sabemos que, nos interstícios das tentativas de relações interculturais, estão presentes formas de poderes políticos que, muitas vezes, implicam em relações de subordinação e de dominação. Diante das estruturas dos poderes instituídos marcados por posturas autoritárias e excludentes, nos trâmites das relações entre países, ou até entre grupos dentro de um mesmo país, constantemente ocorrem posturas colonialistas e fundamentalistas que tendem a obstruir as possibilidades de contatos e vínculos dialógicos e complementares entre os diversos. Essas ações implicam em intolerância e subjugação com a imposição de valores e idéias de um grupo ou país sobre outros como pretensas verdades únicas e inquestionáveis. Os processos de globalização instituídos – processos *globalitários*, na fala lúcida de Milton Santos – traduzem com evidência essa perspectiva em que alguns países ou grupos pretendem uniformizar algumas culturas para melhor dominá-las. Porém, como também já aventamos, mesmo nesses contextos, os processos de resistência tendem a eclodir, as vozes dissonantes das diferenças tendem a se rebelar.

Considero fundamental para toda cultura local que não pretende se insular em si mesma, o estado deliberado de dis-posição, de abertura para a busca de relações dialógicas com as expressões de outras tradições culturais, de outras localidades, tanto para seu próprio fortalecimento e expansão, quanto para a busca de relações de compartilhamento e de aprendizagens com as alteridades. Como enunciei, sabemos que toda expressão chamada de global emerge de algum (ou de alguns) local, e que todo local é marcado, de algum modo, pelo suposto global, por repertórios de expressões consideradas mais universais, no dinamismo que plasma as teias diversificadas das culturas. O que me parece ser bastante relevante é esse estado de abertura crítica, dialógica e sensível para os fluxos dos entrelaces, para as sinergias que enriquecem mutuamente os protagonistas das relações interculturais, vislumbrando a afirmação da singularidade e da diversidade das expressões humanas, de nossa condição de seres interdependentes, na magnitude da dignidade e da boniteza da condição humana, com suas fragilidades e potencialidades.

Para Fornet-Betancourt (2001, p. 256 e 257), a interculturalidade se processa desde

una praxis de vida concreta en la que se cultiva precisamente la relación con el otro de una manera envolvente, es decir, no limitada a la posible comunicación racional a través de conceptos sino asentada más bien en el dejarse ‘afectar’, ‘tocar’, ‘impresionar’ por el otro en el trato diario de nuestra vida cotidiana.

Implica em nossa dis-posição, na abertura interna de nossas estruturas psíquicas para cuidar das relações de simpatia e de empatia para conosco mesmos e para com os outros, para com o dinamismo dos fluxos tensoriais do ser-sendo-com-os-outros, na sedimentação de processos de co-aprendências e de compartilhamentos em nosso viver cotidiano.

A interculturalidade se configura na imagem de uma encruzilhada em que as diversas veredas culturais se estranham e se entrecruzam, se conflituam e se interligam, podendo estas, assim, se expandir e se enriquecer mutuamente. A interculturalidade resvala no entramado do transcultural na proporção em que fomenta o dinamismo do trânsito que se processa nos entre-lugares através das relações entre as diversas formas de expressão cultural. Desse modo, as tradições culturais se tensionam, se atravessam e se entrecruzam. Assim, vão além de si mesmas se expandindo e se fortalecendo mutuamente fazendo despontar a perspectiva das relações de sinergia e de entrelaces interculturais. Relações que se plasmam mediante a expressão anímica dos valores fundos e vastos que compõem a complexidade e a polifonia da condição humana, em nosso pertencimento singular e em co-pertencimento à humanidade.

As tradições culturais dos Sertões

As meditações que ora explicito inspiram-se em minhas vivências, desde sempre, nos torrões dos Sertões, bem como, em processos sistemáticos de pesquisa que desenvolvo acerca da temática por essas searas.

Os Sertões que constituem, sobretudo, grande parte do Nordeste brasileiro (também incluindo o Norte de Minas Gerais) se configuram mediante sua geografia fortemente marcada por condições climáticas adversas em que predomina as estações de seca traduzidas no calor impiedoso de sua temperatura, na aridez de seu solo, na agrestia de sua vegetação, bem como, nas condições de desolação que afetam a maioria de sua população. Nas esferas sócio-político-econômicas predominam estruturas de poderes instituídos que privilegiam a minoria de sua população em detrimento das condições condignas de qualidade de vida da grande maioria. Essas estruturas revelam processos perversos de dominação política (velhos e novos coronelismos), de uma intensa concentração de renda e de exclusão social que relega essa maioria da população às condições mínimas e bastante depauperadas de cidadania (de *terrânia* - povos da terra) e de dignidade humana.

Porém, considerando o horizonte do paradoxal que perfaz o humano, no campo das tradições culturais, dos modos coletivos de entretecer suas lides, os povos desses rincões

sertânicos revelam seu espírito altivo de resistência, de engenhosidade e de labuta através dos tesouros extraordinários das mais diversas manifestações que constituem o cotidiano de suas sagas, de suas vidas. Nas mais variadas paragens dos Sertões, os sertanejos tocam e celebram suas vidas através das mais diversificadas manifestações: Reisado/Folia de Reis, Cordel, Bumba-meu-boi/Bumba-boi, Repente, Cantiga de Roda, Celebração de São João (quadrilha, forró, fogueira...), Rezas, Mutirões, Sambas, Pau de fita/Trança fita, Burrinha, Bandas de Pífanos, Chulas, Batas de feijão e de milho etc.

Essas múltiplas formas de manifestações tradicionais são realizadas pelos sertanejos em momentos diferenciados de seus cotidianos como nos festejos tradicionais do São João, no mês de junho, em festas religiosas (padroeiro, novenas, rezas etc.), em tempos de plantação e de colheita, em mutirões, nas comemorações dos Santos Reis, no mês de janeiro, em momentos específicos de celebração da vida etc. Estas manifestações e celebrações estão presentes nos diversos rincões dos Sertões. Porém, estas apresentam variações nas formas específicas do dançar, do cantar etc, na expressão peculiar de seus ritmos e tons traduzindo a riqueza das semelhanças e das diferenças de cada comunidade.

As manifestações das tradições culturais dos Sertões se configuram como formas expressivas de celebração da vida em que estes povos compartilham suas crenças e valores, seus sentires e cosmovisões, suas dores e prazeres, suas angústias e satisfações, as agruras da sina dura, as labutas travadas nos desafios afiados de suas sagas agrídoces. Elas fortalecem a fibra e as energias humanas na trajetória das lides dessa gente. Assim, esses povos vadeiam nas folias de encantação; afirmam sua auto-estima. São rituais que acontecem de modo coletivo e que afirmam e fortalecem os laços de amizade e de solidariedade, que realçam os matizes do dinamismo de suas identidades culturais.

A vastidão da imagem que jorra da palavra Sertão traduz um horizonte de cruzamentos, de encruzilhadas e texturas mestiças, de estampas multicores. Sertão ressoa ser tão intenso, ser de imensidão e de funduras sem fim, desmesuradas. Sertão desborda enigmas insondáveis, confins de desvãos incontornáveis, de larguezas e de lonjuras sem eiras nem beiras, de veredas tortas, de sabores agrídoces, de brenhas e de ermos abissais.

Sertão é um não-lugar, um des-lugar, um entre-lugar, um lugar in-certo e vesgo, côncavo e convexo, em que se descortina o tempo cíclico dos fluxos rítmicos do sol e da lua; em que se precipitam vidas de seres bravios e bandoleiros, mansos e festeiros. O Sertão se faz de recônditos braseiros, de voragens; de encruzilhadas em que se esparramam errâncias e *itinerrâncias* desgrenhadas.

Para os sertanejos, a presença intensiva das manifestações de suas tradições culturais proporciona vivacidade e contenteza ao cotidiano de suas sagas. Em prosas realizadas com estes em muitos rincões, escutei falas que afirmam serem estas expressões tradutoras do “prazer e a alegria de viver”, da “celebração da vida”, da “animação que dá sentido à labuta”, da “nossa cultura, da cultura de nossa gente”, da “alma dos sertanejos”, das “nossas raízes”. Essas manifestações apresentam e representam, assim, a seiva das raízes moventes que dão firmeza e vigor ao cotidiano de suas vidas; compõem a identidade viva que afirma o sentimento de pertencimento e de co-pertencimento a suas comunidades sertânicas e ao mundo; implicam no cultivo do estar-juntos, no compartilhar os sentimentos mais intensos e enraizados nos desvãos da alma, que os nutre e animam nas sagas dos desafios e agruras das sinas.

As manifestações dessas tradições culturais emergem das dimensões mais fundas de cada ser e animam a coexistência entre o corpo e o espírito. Desse modo, os sertanejos dançam e recitam, brincam e cantam nas celebrações das proezas de seu viver renovando-o permanentemente. São rituais de re-atualização e de re-encantação da vida, da relação de cada um consigo mesmo, com os outros e com o mundo. São a cepa, a fonte inesgotável e renovável que os revigora nas curvas das andanças e pelejas.

O renascimento das tradições culturais dos Sertões

A presença das manifestações que constituem o caldo vigoroso dessas tradições culturais sertânicas, da identidade cultural dessa gente, emerge cada vez com certa intensidade nos circuitos da vivência cotidiana de nossas culturas. Expressões que até há pouco tempo eram consideradas como “cafonas”, “residuais”, “ultrapassadas”, “atrasadas”, em processos de extinção como as Cantigas de Roda, o Bumba-meu-boi, o Reisado, o Repente, o Cordel, as folias de São João, o Artesanato (Fuxico etc.) etc., a despeito, e também por conta dos processos de globalização, de suas contradições e limites, de certa forma, se revigoram e se afirmam de modo surpreendente.

As tentativas de homogeneização e de uniformização cultural realizadas pelos modelos *globalitários* com a pretensão de denegação das culturas locais, da diversidade étnico-cultural, como vimos, parece que, em certa medida, estão se desmanchando pelos ares. Na esfera das culturas humanas, os modelos hegemônicos não são absolutos. As brechas de seus limites e contradições potencializam o despontar de novas possibilidades e rumos.

Os processos mercadológicos da voracidade capitalista, com seus mecanismos de dominância, procuram, muitas vezes, absorver as expressões dessas tradições culturais sertânicas e reduzi-las a meros produtos de consumo desqualificando a fecundez de suas formas e conteúdos originários. Porém, se expandem e se fortalecem as experiências que apontam para uma outra vertente, que resistem e desafiam inventivamente as correntes uniformizadoras do consumismo.

Como pontuei anteriormente, em sentido geral, são inúmeros os projetos e movimentos encampados nas mais diversas frentes por algumas instituições públicas, ONGs, grupos e comunidades que têm desenvolvido atividades e ações múltiplas pelos Sertões. Na zona rural, em pequenas e grandes cidades, nos rincões mais diversos, são incrementadas Semanas de Cultura, Festivais de Cultura e Arte, Semanas de Folclore, Festas da Cultura popular, Celebrações e eventos diversos com a perspectiva de realçar, afirmar e revigorar as expressões dessas tradições culturais enraizadas no chão de nossa história, nos cafundós do imaginário mitopoético, da vida cotidiana dessa gente.

Considerando que aquilo que está visceralmente entranhado no âmago do coração e da alma dos indivíduos não perece com facilidade, os símbolos mitopoéticos dessas tradições culturais (Bumba-meu-boi, Cantiga de Roda, Reisado etc.) enfrentam intempéries, flutuações e desafios, mas, de modo geral, não morrem; se renovam e se revigoram, se desdobram e se ressignificam nos fluxos do dinamismo, da plasticidade e das mutações que caracterizam as culturas. Há anos acompanhamos e desenvolvemos diversos projetos e atividades que vislumbram esse propósito e é significativo o ritmo com que esses fenômenos estão acontecendo, com seus limites e possibilidades.

Fuxico: estampas mestiças de sertania

A imagem do Fuxico, bastante presente nos vários rincões dos Sertões, em sua composição originária como teia formada por retalhos de tecidos entrelaçados com sua estamparia multicolor, se configura numa metáfora que revela a vivacidade mestiça da cultura dos povos sertânicos. Os matizes da teia do Fuxico representam a policromia, a diversidade de tons da vida cotidiana dessa gente, da mobilidade intensiva de suas sagas; traduz a trama das inter-relações dialógicas, o dinamismo dos entrelaces, das trocas e partilhas presentes na urdidura das tradições culturais dos Sertões. Tradições culturais que se constituem mediante os processos de hibridação intercultural que se compõem desde as fontes ancestrais ameríndias, africanas e européias, em seus processos dinâmicos de

fricção, de interpenetração e de complementação; de deglutição antropofágica que inspira e faz partejar, de modo redivivo, novas formas e conteúdos culturais.

As imagens do Fuxico, em suas modalidades diversificadas de expressão, tomam contornos míticos, mitopoéticos ao penetrarem no inconsciente coletivo, nos imaginários dessa gente sertaneja traduzindo o entramado de seus sentires e crenças, de sua sensibilidade poética. Essas imagens fuxiqueiras que configuram a metáfora do Fuxico plasmam e revelam o estado de sertania na tecedura de seus entrelaces, na textura de seus relevos e na policromia de suas estampas.

Sertania pode ser compreendida como o estado d’alma do Sertão, como expressão simbólica das crenças e valores, dos sentires e cosmovisões que configuram o imaginário dos povos sertânicos; como o descortinar de seus modos próprios de trançar e de colorir suas sagas; como o rendar intensivo de suas labutas e agruras. Sertania como expressão simbólica da teia multicolor do fuxico que estampa e dá vivacidade às vidas desses povos.

Os arcos da sertania se derramam em feixes de encantação nas flamas crepusculares de cada entardecer e de cada amanhecer. Sertania revela o Sertão amanhecendo, o sussurro dos rumores do mormaço suarento, o eco silente das funduras do chão, o rasgo dolente dos mandacarus que rebentam na ternura de sua floração. Sertania traduz o trançado do sol calcinante com a doçura da lua cheia, da secura inclemente das estiagens e da contenteza vadia das folhas de São João. Traduz os lampejos da coragem lampiônica, da irreverência de Lampião; um estado d’alma que nos conduz à terceira margem do mundo, aos Sentidos primordiais de nosso ser-sendo-com.

Em cada região ou localidade, nos cafundós mais recônditos desses confins sertânicos, a multiplicidade de formas e de Sentidos é intensa e abundante, desde a diversidade geográfica, histórica e religiosa – considerando as proximidades e similaridades –, às mais variadas expressões culturais, com sua pujança ritualística, nas quais os sertanejos celebram a vida, afirmando-a e renovando-a continuamente. Essa multiplicidade de estampas que se traduzem na imagem do Fuxico, re-vela a diversidade de valores e de sentimentos, de significados e Sentidos que constituem o manancial precioso e vigoroso – o *húmus* – de sabenças e sabedorias que perfazem as cosmovisões sertânicas norteadoras da vida vivida/vivente desse povo “cabra da peste”. Povo que renda suas histórias e estórias nas sagas bandoleiras de suas façanhas e pelejas.

Essas sagas, bem como as cantigas e danças de roda traduzem, de modo singular, a metáfora do Fuxico ao descortinar as juntas dos entrelaces em que as diferenças de cores, de olhares, de jeitos, de amores, de costumes, também de desamores e de desolhares,

podem dar as mãos e se abraçar no compartilhar fra-terno da generosidade, da simpatia, do coração despojado; representam os ritmos dos ritos e ciclos da vida em seus fluxos de renovação; fazem vibrar os sentimentos e o espírito de sinergia e de fraternização. As rodas enredam as rotações do viver, suas veredas curvas e suas mutações constantes; seus feixes de encantação, desencantação e de reencantação.

A metáfora do Fuxico pode ser concebida como um símbolo mitopoético ao penetrar nas dimensões fundas do inconsciente e do imaginário dos sertanejos – de suas tradições – e, assim, traduzir imagens multicores, os tons que estampam seus sentimentos, desejos e modos de vida; os entrelaces que revelam seus vínculos afetivos e existenciais, o espírito de amizade e de solidariedade. A imagem da metáfora do Fuxico, como urdidura trançada por mãos tarimbadas e engenhosas, com o primor da sensibilidade e da inventividade dessa gente que renda a vida lavrando o seio da terra, entrelaça sonhos e utopias impregnados no corpo e na alma; urde a dinâmica coexistencial e in-tensiva da diversidade, das relações interculturais; estampa a rede híbrida das tradições culturais desse povo sertânico; desborda os ritos *animados* de celebração e de encantamento.

Referências

- ARAÚJO, Miguel Almir L. de. *Laços de encruzilhada: ensaios transdisciplinares*. Feira de Santana: UEFS, 2001.
- BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.
- BERNARD, François de. Por uma redefinição do conceito de diversidade cultural. In: BRANT, Leonardo. *Diversidade cultural: globalização e culturas locais – dimensões, efeitos e perspectivas*. São Paulo: Escrituras Ed.: Instituto Pensarte, 2005.
- CANCLINI, Nestor Garcia. *Culturas híbridas*. São Paulo: EDUSP, 2008.
- FORNET-BETANCOURT, Raul. *Transformación intercultural de la Filosofía*. Bilbao: Ed. Desclée de Brouer, 2001.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- MORAIS, Regis de. *Estudos de Filosofia da Cultura*. São Paulo: Loyola, 1992.
- MORIN, Edgar. *O método 5: a humanidade da humanidade: a identidade humana*. Porto Alegre: Sulina, 2002.
- MORIN, Edgar. *Sete saberes necessários à educação do futuro*. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000.
- ROSA, João Guimarães. *Grande sertão veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- SODRÉ, Muniz. *A verdade seduzida*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.
- VIEIRA, Padre Antonio. *Sertão brabo*. São Paulo: Gráfica Brasileira, 1968.